

O que Perguntam as Crianças-Repórteres? Visões de Mundo e Participação no Jornalismo Infantojuvenil

What do Children-Reporters Ask? Worldviews and Participation in Children's Journalism

https://doi.org/10.14195/2183-5462_45_11

Ana Cátia Ferreira

Instituto de Comunicação da NOVA (ICNOVA), Universidade Fernando Pessoa, Portugal
anacatiaferreira@gmail.com

Juliana Doretto

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Brasil
jdoretto@gmail.com

Submetido: 2024-03-27 | Aceite: 2024-08-02

Submitted: 2024-03-27 | Accepted: 2024-08-02

Resumo

O "Repórter Júnior" é uma secção da revista infantil portuguesa *Visão Júnior*, na qual as crianças podem entrevistar uma figura pública à sua escolha, fazendo as questões que desejar. Este artigo tem como objetivo averiguar como as crianças aproveitam esta experiência para exprimirem as suas visões de mundo, pois entende-se que as perguntas expõem os seus interesses, gostos e modos de perceber a realidade que as cerca. Por meio da análise de conteúdo, investigaram-se as secções publicadas entre 2022 e 2023. Como resultados, verifica-se, entre os repórteres juniores, uma predominância de meninas, particularmente nos distritos de Lisboa e Porto. Além disso, nas perguntas realizadas pelas crianças, nota-se o interesse pelo sucesso no mundo do trabalho, o que indica que os preceitos neoliberais de individualismo e desempenho também fazem parte das preocupações da infância.

Palavras-chave

jornalismo infantojuvenil, criança-repórter, participação, visões de mundo, *Visão Júnior*

Abstract

The "Junior Reporter" is a section of the Portuguese children's magazine *Visão Júnior*, where children can interview a public figure of their choice, asking whatever questions they like. This article aims to investigate how children take advantage of this experience to express their worldviews, as it is understood that their questions reveal their interests, tastes, and ways of perceiving the reality around them. Through

content analysis, sections published between 2022 and 2023 were examined. The results show a predominance of girls among the junior reporters, particularly in the districts of Lisbon and Porto. Additionally, the questions posed by the children reflect an interest in success in the professional world, indicating that neoliberal principles of individualism and performance are also part of childhood concerns.

Keywords

journalism for children and adolescents, children-reporter, participation, world-views, *Visão Júnior*

Introdução

A *Visão Júnior* é uma revista mensal de informação portuguesa, cujo público-alvo são as crianças dos sete aos 15 anos de idade, ou seja, as que frequentam os três ciclos do ensino básico obrigatório nacional. Trata-se da única publicação portuguesa dedicada ao jornalismo para as crianças. Desde 2018, pertence ao grupo Trust in News, que é o maior na área do *publishing* em Portugal. Além do formato em papel, tem uma versão para *tablet* e um *website* próprio, no qual a revista identifica-se como uma publicação que “troca as notícias por miúdos”, ou seja, explica o noticiário em linguagem compreensível às crianças, e que é “feita principalmente para os jovens e com os jovens [...]”¹.

Esta descrição demonstra, desde logo, a ligação à participação infantil na construção da revista, que se dá quer por meio de secções específicas – “Passatempos”, “Correio dos leitores” e “Repórter Júnior” – quer pelas iniciativas “Junior Fest”², “Miúdos a Votos”³ e a dos consultores juniores. Entre elas, a “Repórter Júnior” é a que permite maior envolvimento das crianças ao assumirem o papel de jornalistas, entrevistando figuras públicas que despertam o seu interesse e admiração.

Esta abordagem encontra paralelo na definição de participação dos leitores apresentada por Oliveira (2022, p. 139) ao estudar o jornal infantojuvenil brasileiro *Joca*. A autora descreve essa participação como a “ação do público que impacte na produção de conteúdo em contextos jornalísticos profissionais multiplataforma”. A *Visão Júnior* também se desenvolve em linguagens *online* e *offline*, reverberando a definição de Oliveira (2022), mas prefere dar destaque à atuação das crianças no veículo impresso, o principal investimento da marca.

Entende-se aqui que essa participação infantil no jornalismo é também uma forma de atuação das infâncias na esfera pública. Como as sociedades democráticas oferecem poucos canais para a interferência das crianças nas decisões coletivas

¹ Ver <https://loja.trustinnews.pt/produto/visao-junior-edicao-233>

² É um evento inserido no *Visão Fest*, um festival da revista *Visão*. A primeira edição, organizada pela *Visão Júnior* e dedicada aos mais novos, deu-se em 2018 e conta com uma abrangente programação, que inclui teatro, música, leituras, conversas, ateliers, para estimular a diversão e aprendizagem.

³ É uma iniciativa da *Visão Júnior* e da Rede de Bibliotecas Escolares, com o apoio do Plano Nacional de Leitura, aberta a todas as escolas com estudantes entre os 1.º e 12.º anos. Os alunos propõem o seu livro preferido às eleições nacionais, que eles próprios organizam na sua escola.

(já que não podem votar nem se candidatar, por exemplo), Silva & Gomes (2023, p. 5) dizem que elas atuam em microesferas, ocupando os espaços sociais que lhes ficam disponíveis, como a seção da *Visão Júnior*: “Sua ordem política não se dá no amplo espaço social, mas no mundo cotidiano das coisas miúdas por meio de estratégias que alteram o dominante e que mostram a incompletude de qualquer ordem normativa ou regime de dominação”.

Com base nessas ideias, entende-se que o espaço dado pela *Visão Júnior* aos leitores torna-se um modo de participação social das crianças, no qual exercem a sua cidadania. Ao fazê-lo, apresentam-se aos outros e revelam modos de ser criança na contemporaneidade, ao exprimir as suas visões de mundo por meio das personalidades públicas que desejam entrevistar e também do diálogo que travam com eles. Por visão de mundo, entendemos, de acordo com Orlandi (1997), que se trata dos sentidos atribuídos por nós em relação a quem somos, ao outro, à realidade que vivemos: “O homem está ‘condenado’ a significar. Com ou sem palavras, diante do mundo, há uma injunção à interpretação: tudo tem de fazer sentido (qualquer que seja ele)” (Orlandi, 1997, p. 31). Assim, o objetivo deste trabalho é a compreensão das preocupações, dos gostos e dos interesses que os repórteres revelam ao formular questões às figuras públicas da sua preferência no “Repórter Júnior”.

A participação das crianças e o jornalismo

O termo “infância” deriva do francês *enfant*, que durante a Idade Média significava “aquele que não tem voz” (Ariès, 1981). Este conceito foi radicalmente alterado, em 1989, pela Convenção sobre os Direitos da Criança da ONU, que reconheceu as crianças como sujeitos plenos de direitos, aptos para contribuir para o seu desenvolvimento e o das suas comunidades e participar da vida coletiva, inclusive por meio da livre expressão (Sarmento, 2003; Marôpo & Jorge, 2009). Segundo Buckingham (2007, 2019), esses direitos podem ser categorizados em proteção, provisão e participação. Para este estudo, o foco é o direito à participação, argumentando que é essencial para os mais novos desempenharem o seu papel como cidadãos, co-constituindo as narrativas e os espaços que lhes dizem respeito. Pereira et al. (2021, p. 60) ressalta a necessidade de se “criar um ambiente propício à cultura participativa, que ofereça às crianças e aos jovens oportunidades para se expressarem e que valorize efetivamente as suas vozes”.

Buckingham (2007, p. 44) defende que a participação também diz respeito à criação e produção mediática, definindo-a como “a capacidade de utilizar os meios de comunicação para produzir e comunicar as suas próprias mensagens, quer para fins de autoexpressão, quer para influenciar ou interagir com outros”. Para o mesmo autor, a criação de conteúdo mediático permite às crianças desenvolverem “afirmações com conteúdo significativo nos *media*, ou dar a conhecer os seus pontos de vista” (Buckingham, 2019, p. 23) e tornarem-se autoras das representações da infância. Aqui, é importante destacar também o Artigo 12 da Convenção, que fala do direito da criança de se expressar livremente, e o 13, que aborda a necessidade de ela receber informação adequada. Em linha com estas afirmações, Dementshuk (2016) sustenta que certos veículos mediáticos, ao permitirem que as crianças publiquem as suas

histórias e as partilhem com o público, conferem-lhes visibilidade. Em Portugal, os estudos de Brites (2015, 2019) mostram como o jornalismo pode ser usado como um caminho para os mais novos serem cidadãos críticos capazes de desempenhar papéis de intervenção. Configura-se, desta forma, o jornalismo infantojuvenil como um dos ambientes propícios à participação.

Todavia, para que as crianças possam exercer esse direito, é fundamental ainda que adquiram as competências necessárias através da educação mediática, sendo, nesse caso concreto, mais correta a referência à literacia para as notícias (Vraga et al., 2020), de modo a compreender como a narrativa noticiosa é construída. Consequentemente, estas competências trazem benefícios, como o desenvolvimento da reflexão crítica, da criatividade, da participação ativa e do empoderamento (Buckingham, 2000; Carter, 2007; Frau-Meigs, 2008; Livingstone et al., 2018).

Além disso, Couldry & Hepp (2020) defendem a importância da voz pública sustentada pelos *media* para a democracia e a sociedade em geral, e argumentam que é necessário um esforço consciente para promover e proteger a voz das pessoas comuns num mundo cada vez mais dominado pelo neoliberalismo e pela tecnologia digital. Esta ideia é fortalecida por outros autores (Marôpo & Jorge, 2009; Livingstone et al., 2018) ao reconhecerem as crianças como agentes sociais plenos, cujas vozes são relevantes para uma sociedade contemporânea, democrática e inclusiva. O reconhecimento e a ampliação de seus discursos são essenciais para combater as desigualdades e promover a participação cidadã, em modo *offline* ou/e *online*.

É um facto que a participação nos meios de comunicação tradicionais concorre com os digitais (Ponte & Batista, 2019; Pereira et al., 2020; Marôpo, 2021), saindo a segunda com resultados mais vantajosos. Todavia, Buckingham (2019) alerta que, no *online* ou *offline*, “a liberdade de expressão não está igualmente disponível para todos, e é restringida e moldada de todas as formas, principalmente pelas operações comerciais das grandes empresas de mídia”. Pereira et al. (2024) também expõem outros obstáculos de natureza diversa que condicionam a participação infantil, como a inexistência de oportunidades na localidade, falta de informação, a não valorização dos jovens, medo de ser julgado, entre outros.

Em Portugal, como são escassos os produtos jornalísticos infantojuvenis, as crianças também encontram limitações em participações desta natureza. Em relação à revista *Visão Júnior*, o nosso trabalho anterior (Doretto, 2015), única tese a dedicar-se à publicação no cenário académico português, identifica a maior presença das meninas, com cerca de 11 anos, nas cartas e *emails* enviados à revista, e sugere como explicação a esse cenário o facto de elas realizarem mais atividades de comunicação digital, fato reforçado em estudo posterior, de Ponte & Baptista (2019). Mostra ainda como as crianças pedem por maior presença dos mesmos conteúdos que lhes agradam, no que chamamos de participação “reforçadora”, e, portanto, pouco criativa.

Visão Júnior

A *Visão Júnior* surgiu em 2004, num formato de suplemento promocional da sua revista “mãe”, a *Visão*, dedicado às férias escolares. Todavia, as mentoras do projeto, a jornalista Isabel Nery e a diretora-adjunta Cláudia Lobo, ambas da revista

Visão, conseguiram a continuidade da publicação, que em outubro seguinte chegou às bancas como um título mensal independente. Após 20 anos, mantém-se como a única revista disponível neste segmento de mercado em Portugal. Desde o início de 2024, a equipa conta com um novo diretor, uma nova diretora-executiva e mantém três colaboradores regulares: a editora, a editora gráfica e o consultor editorial. A sua tiragem média é de seis mil e 800 exemplares e tem um custo de 3,40 euros.

Na revista percebe-se a diversidade das secções: “Notícias”, “Curiosidades”, “Factos Loucos”, “Livros”, “Jogos”, “Desporto”, “Animais”, “Tecnologia”, “Solidariedade”, “Ciências”, entre outras. Estas não são mensalmente fixas, pois adequam-se aos temas abordados na edição. A linha editorial da revista tem como intuito incentivar o interesse pela leitura e pela escrita, assim como promover cidadãos mais ativos, conscientes e participativos. Por fim, importa referir que a sua presença *online*, além do *website*, se dá no Facebook e no Instagram, mas sem atualização diária nem expressão de interatividade.

O “Repórter Júnior”, secção alvo deste trabalho, surgiu na *Visão Júnior* há mais de uma década, mas com uma conotação semelhante à atual. Os repórteres eram crianças que, quer para o formato impresso quer para o digital, produziam entrevistas e reportagens. A secção mudou de nome para “Enviados Especiais”, mas na edição 216, de maio de 2022, adotou definitivamente a designação anterior, “Repórter Júnior”, inserindo-se, assim, no período do nosso estudo.

A função dos repórteres-juniores é assumir o papel de jornalistas, propor os temas e as figuras que gostariam de tratar e, com a aprovação, o acompanhamento e a edição da *Visão Júnior*, têm os seus textos publicados. A identificação de todas as crianças está visível num desenho gráfico de cartão de identidade colocado junto ao título das entrevistas.

Este espaço é, portanto, uma oportunidade conferida aos leitores para participarem na produção da revista, sendo o convite relembrado nessas páginas. É colocada uma caixa de texto em uma das páginas, com o seguinte dizer: “Queres entrevistar alguém? Escreve-nos para vjuniorreporter@visao.pt e faremos tudo para realizar o teu pedido. Coloca o teu nome e o telefone dos teus pais!”, como se lê na edição 216 (Figura 1).

Figura 1

Secção “Repórter Júnior” no período em estudo



Nota. *Visão Júnior*, edição 216, de maio de 2022.

A presença do “Repórter Júnior” no interior da *Visão Júnior* não é fixa, quer no número de páginas, que varia entre três, quatro e seis, quer no alinhamento das secções, embora seja preferencialmente posicionado após as páginas centrais, num espaço de destaque da revista.

Procedimentos metodológicos

Neste trabalho, focamos em uma das secções da *Visão Júnior*, o “Repórter Júnior”, um espaço de entrevistas feitas pelos leitores mais novos. O objetivo, como mencionado, é compreender as visões de mundo das crianças que surgem na escolha das figuras que entrevistam e as questões que elas lhes colocam. Procedeu-se, em primeiro, a uma entrevista à editora da *Visão Júnior*, Paula Barroso. O procedimento metodológico comportou esta técnica para recolher informações sobre o processo editorial deste espaço de participação infantil, que pudessem ajudar a compreender melhor os dados a serem extraídos em análise posterior. Sendo assim, foi também considerado relevante que, no início da entrevista, se fornecesse à entrevistada o objetivo do estudo e a sua metodologia, permitindo-lhe “entender a sua importância como fornecedor de informação e, por consequência, a sua utilidade para a investigação em curso” (Carmo & Ferreira, 2012, p. 142), criando-se um ambiente de partilha voluntária de informação.

A entrevista realizou-se a 28 de dezembro de 2023, via telefone. Esta seguiu uma estrutura aberta (Duarte, 2011), que tinha como ponto de partida uma pergunta ampla: Como se desenvolve o processo de produção e edição do “Repórter Júnior”? As respostas foram originando outras perguntas e através da flexibilidade da conversa conseguiu-se a descrição do processo, no qual a entrevistada está envolvida. O guião da entrevista foi fechado com dez questões (abordando temas como a seleção dos nomes propostos à revista, a produção das perguntas, o pedido das autorizações aos pais, o processo de edição e revisão e as capas), as quais foram gravadas com consentimento e transcritas após o término. Foi informado à entrevistada que a sua participação não seria anonimizada.

Deu-se início à segunda fase metodológica. Para “analisar de forma sistemática um corpo material textual, por forma a desvendar e quantificar a ocorrência de palavras/frases/temas considerados chave” (Coutinho, 2023, p. 217), a análise de conteúdo de tipo exploratório de Bardin (2016) pareceu ser a opção viável. Assim, investigamos as características das crianças entrevistadoras e as perguntas que elas formularam (e que foram publicadas na revista).

Para o presente estudo, englobaram-se as edições mensais dos anos de 2022 e de 2023 da revista *Visão Júnior*, contabilizando-se 11 secções analisadas, não havendo, portanto, um espaço regular da secção nos 24 números destes anos. Do primeiro ano, o *corpus* incluiu cinco edições: janeiro, 212; fevereiro, 213; maio, 216; agosto, 219; e novembro, 222. Do segundo ano, contemplaram-se seis edições: janeiro, 224; maio, 228; junho, 229; agosto, 231; outubro, 233; e novembro, 234. A Tabela 1 identifica as crianças que participaram como repórteres dessas edições, bem como as personalidades que elas entrevistaram.

Tabela 1*Identificação dos repórteres e dos entrevistados das edições em estudo*

| Número de edição | Data | Crianças-repórteres | Entrevistados | Atividade profissional |
|-------------------------|-------------------|--|---------------------------------|--|
| 212 | Janeiro de 2022 | Lourenço Costa | Luís de Matos | Mágico |
| 213 | Fevereiro de 2022 | Madalena Luís, Maria Francisca Dias, Bernardo Silva, Mariana Carvalho, Sofia Ribeiro Dias e Ana Manuel Pinheiro | Carolina Deslandes | Músico |
| 216 | Mai de 2022 | Matilde Sousa | Clara de Sousa | Pivô-jornalista |
| 219 | Agosto de 2022 | Joana Marecos | Fernando Mendes | Apresentador de programa de entretenimento |
| 212 | Novembro de 2022 | Lourenço Rodrigues e Sara Gonçalves | Lucas Rodrigues | <i>Tiktok</i> er |
| 224 | Janeiro de 2023 | Leonor Antunes | Nuno Caravela | Escritor |
| 228 | Mai de 2023 | Matilde Gaspar e Clara Santos | Carlão | Músico |
| 229 | Junho de 2023 | Agrupamento de Escolas de Gafanha da Nazaré, Escola Básica 2,3 André Soares, Agrupamento de Escolas Sá de Miranda e Colégio do Rosário | Maria Magalhães e Isabel Alçada | Escritoras |
| 231 | Agosto de 2023 | Sara Sogocio, Cora Sogocio e Mafalda Pinto | Bárbara Tinoco | Músico |
| 233 | Outubro de 2023 | Mafalda Martins, Ema Martins e Camila Saldanha | Fernando Daniel | Músico |
| 234 | Novembro de 2023 | Inês Ramos | Maria Inês Almeida | Escritora |

Nota. Elaborado pelas autoras (2024).

Após uma pré-análise, partiu-se para exploração do material e a definição dos seguintes elementos, com posterior categorização, como pede a análise de conteúdo: contexto demográfico do entrevistador (género, faixa etária e referência geográfica), contexto profissional do entrevistado (atividade desempenhada dividida em subcategorias), temáticas abordadas e frequência (tipo de perguntas elaboradas repartidas em subcategorias), imagens e frequência (presença de fotografias da criança-repórter) e elementos gráficos da secção na capa (presença de chamada de capa, com ou sem fotografias da criança-repórter).

Resultados

A entrevista com a editora, Paulo Barroso, propiciou informações de contexto importantes para compreender o processo de construção do “Repórter Júnior”. Ela diz que a revista tem uma caixa de *email* própria para receber as propostas enviadas, pois

os nomes partem sempre das crianças, mas há casos excepcionais. Por exemplo, se uma entrevista estiver agendada e se há um imprevisto com uma criança que não pode, a *Visão Júnior* convida um consultor júnior, cujas preferências sejam adequadas ao entrevistado. Assim a entrevista não fica perdida e é dada oportunidade a outro.

Isto possibilita que outras crianças, além dos repórteres, tenham oportunidade de entrevistar, mesmo que não tenham proposto algum nome. Quanto às sugestões de entrevistados enviadas pelos repórteres, essas recaem, geralmente, para os “ídolos, ligados à música, literatura e futebol”, segundo a editora. Houve, no entanto, no nosso período de análise, dois casos singulares, em que os nomes não foram sugestões dos leitores, mas antes oportunidades que a revista lhes conferiu. O primeiro foi o convite para entrevistar um *tiktoker*, o qual era convidado da “Visão Fest”. Perguntava-se nas páginas da edição de outubro de 2022: “Queres entrevistar o Lucas, um dos *tiktokers* de maior sucesso em Portugal?”. O segundo caso reportou-se às escritoras Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, presentes na festa final dos “Miúdos a Votos” para falar sobre a criação da coleção infantil *Uma Aventura*, que soma mais de 60 títulos e é recomendada pelo Plano Nacional de Leitura.

Também por meio de entrevista à editora, apurou-se que:

Depois de estar fechado o entrevistado, a editora contacta telefonicamente os pais da criança e pede-lhes autorização para falar com ela. É pedido que faça uma lista de cerca de 15 a 20 perguntas. No caso de precisar de ajuda, de sugestões ou correções, poderá contactar a editora. Só no caso de haver perguntas exatamente iguais às anteriores, a editora pede-lhe para alterar. Os pais têm de autorizar, por escrito, a saída para a entrevista e a utilização das fotografias na revista.

Paula Barroso esclareceu que, além dos cuidados em obter as autorizações, há a preocupação em gravar a entrevista em áudio. Além disso, ressalva outro aspeto importante que solicita às crianças: “Fazerem as perguntas que quiserem, sem pressão e condicionamentos dos pais. Não façam uma entrevista à adulto, mas à vossa maneira”.

É agendado o encontro, privilegiando-se o local relacionado com o entrevistado e a sua atividade profissional, e, após as apresentações iniciais, as crianças colocam as questões, na presença da editora da revista e de um fotógrafo do grupo da Trust in News. Neste processo há o empenho em envolver os repórteres nos ambientes dos entrevistados, como na sala do ilusionista, no camarim do concerto, no estúdio de televisão e na sala de ensaios do músico.

Geralmente, são conversas muito demoradas e detalhadas, o que exige um trabalho adicional na edição da peça jornalística. Nesta fase, a editora assume o papel principal na escolha das perguntas e no tratamento do texto.

Ainda conforme esclarecido por Paula Barroso, nem sempre é feita uma chamada da secção na capa da respetiva edição, porque “depende do espaço e da importância do entrevistado”. Durante o processo gráfico e editorial, os pequenos jornalistas não conhecem o resultado do seu trabalho: “Só têm acesso à entrevista aquando da sua distribuição”.

Ao analisar os dados obtidos na análise de conteúdo, do “Repórter Júnior” percebemos não haver periodicidade regular nos dois anos de análise, num total de 11 secções em 24 edições da *Visão Júnior*. No total, participaram 25 leitores, os quais assumiram individualmente o papel de jornalistas ou agruparam-se em dois e três, nas entrevistas presenciais. Percebe-se ainda que as crianças do género feminino representam a maioria dos leitores repórteres (72% deles), bem como a faixa etária entre os nove e os 12 anos (64%, ou 17 dos 25 entrevistadores).

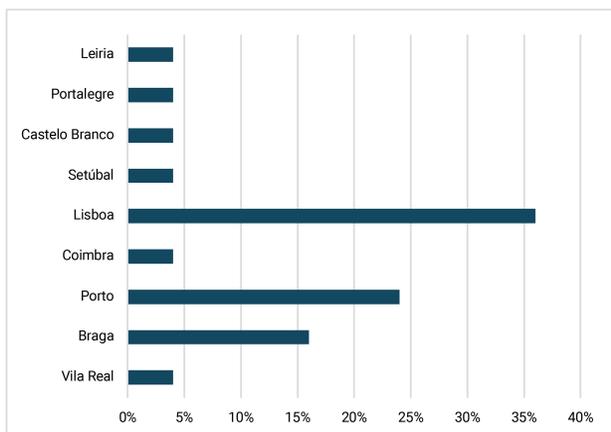
Verificou-se ainda o caso único da entrevista de Carolina Deslandes, de fevereiro de 2022, que, além de ter sido feita com a presença de uma repórter, a *Visão Júnior* deu oportunidade a cinco leitoras para enviarem, por *email*, questões que gostariam de ser respondidas. A participação destas cinco crianças foi incluída na análise, tendo em vista que estavam devidamente identificadas com os dados pessoais e fotografias nas páginas da revista.

Convém salientar que há quatro repórteres, na entrevista de junho de 2023, que apenas foram identificados geograficamente pela instituição de ensino que frequentavam, e não pelos dados pessoais. Não foi possível, desta forma, incluir as idades e o género nestes resultados, passando a estar contabilizados como “não identificado”.

Mais uma característica do perfil dos repórteres, como ilustra o Gráfico 1, é que, em termos de contexto demográfico distribuído por distrito, a maioria reside nos dois mais importantes de Portugal: Lisboa (36% das crianças-repórteres) e Porto (24%). Denota-se, assim, a ausência de participação das crianças no Sul do país e a hegemonia dos centros urbanos, relativamente às cidades do interior.

Gráfico 1

Contexto demográfico dos participantes do “Repórter Júnior”



Nota. Elaborado pelas autoras (2024).

Em relação ao conteúdo investigado, começa-se a apresentação dos dados coletados a partir do contexto profissional dos entrevistados. Após a análise do material, dividiram-se as atividades dos entrevistados em três subcategorias: artes do espetáculo (ilusionismo e música), *media* (televisão e redes sociais) e literatura infantil.

O resultado expressa que a preferência pela escolha dos entrevistados recai sobre figuras públicas portuguesas conhecidas no universo infantojuvenil. É possível verificar que o fator celebridade aliado a uma atividade profissional mediática é relevante na altura de escolher quem querem entrevistar. Tendo em conta as categorias estipuladas, os resultados apontam para cinco entrevistados nas artes do espetáculo, um mágico e quatro músicos; três nos *media*, com uma pivô-jornalista, um apresentador de programa de entretenimento e um *tiktoker*; e três escritores na literatura infantil.

Apesar das entrevistas ao *tiktoker* Lucas e às escritoras Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada não terem sido sugestões dos leitores, como foi mencionado anteriormente, optou-se por incluir na análise. Isto porque o nome do primeiro demonstrara anterior interesse por parte das crianças e, em resposta ao convite da revista, foram várias as que o quiseram entrevistar. Relativamente às escritoras, os leitores manifestaram espontaneamente vontade em entrevistá-las, no âmbito da festa final “Miúdos a Votos”, o que corroborou a preferência pela temática.

A expressão da música face às outras profissões é compreendida por interligar-se ao mediatismo dessas figuras, não apenas por serem fenómenos de popularidade entre os fãs mais novos, mas pela presença em concursos de vozes infantis em televisão. Carolina Deslandes concorreu ao Ídolos e Bárbara Tinoco e Fernando Daniel ao *The Voice Portugal*. Mais tarde, todos eles, incluindo Carlão, foram jurados no *The Voice Kids*. No caso dos escritores, são sucessos de vendas nas livrarias portuguesas as coleções *O Bando das cavernas*, de Nuno Caravela, *Uma aventura*, de Maria Magalhães e Isabel Alçada, e *Diário de uma miúda como tu*, de Maria Inês Almeida.

As entrevistas pergunta-resposta seguem uma estrutura sequencial, que progride em torno de temas dominantes. Nesse sentido, realizou-se a categorização temática das perguntas colocadas pelos repórteres (Tabela 2), que somaram 168, resultando em 18 grupos, divididos em vida profissional (com 102 perguntas, abrangidas em dez subcategorias), vida pessoal (60 questões, divididas em seis subcategorias) e outros questionamentos (as que não se enquadram nestas duas esferas, com seis perguntas e duas subcategorias). No período de análise, a entrevista mais curta contou com oito perguntas e a maior com 26:

Tabela 2
Análise temática das perguntas do “Repórter Júnior”

| Categorias e subcategorias temáticas | Descrição |
|--|---|
| Vida profissional | |
| Motivos para a escolha desta profissão | Como e por que optou por esta profissão |

| | |
|--|--|
| Início profissional | Primeiros passos na profissão, dificuldades e sucessos, o que ajudou, o que mudou e formação |
| Desempenho da profissão | Rotinas diárias e de preparação, equipa de trabalho, remuneração, aptidões (tocar instrumentos), resultados (número de livros e discos lançados) e tempo de produção |
| O melhor da profissão | O que mais espetacular aconteceu e o que a profissão ensina |
| O pior da profissão | O que corre menos bem, desastres e acidentes |
| Sentimentos em relação à profissão | Receios, alegrias e sonhos despertados pela profissão |
| Relação com o público | Sentimentos e envolvimento com os fãs e mensagens que pretendem transmitir ao público |
| Conselhos profissionais | Conselhos às crianças-repórteres para terem sucesso na mesma profissão |
| Influências e inspirações ao longo da vida | Pessoas ou heróis que os inspiram ao longo da vida |
| Outras atividades | Antes da atual profissão, o que faziam e se têm alguma atividade em paralelo |
| Vida pessoal | |
| Vida familiar e pessoal | Assuntos familiares, ligação desta à profissão e relação com animais de estimação |
| Desejos e sonhos pessoais por realizar | Ambições no plano pessoal |
| Gostos, interesses e desejos pessoais | Filmes, livros e música preferidos |
| Sonhos de infância | O que queriam ser em criança |
| Vivências de infância | Passatempos, cantores preferidos, disciplinas preferidas, frequência na escola e outros gostos |

| | |
|---------------------------------------|---|
| Infância e a escola | Experiências escolares |
| Outras questões | |
| Pedidos especiais dos entrevistadores | Solicitar pedidos ocasionados pela entrevista |
| Conhecimento da <i>Visão Júnior</i> | Depoimentos sobre a <i>Visão Júnior</i> |

Nota. Elaborado pelas autoras (2024).

Através das subcategorias definidas e do Gráfico 2 demonstra-se a pluralidade de assuntos que despertam interesse nas crianças, quer sobre a vida profissional, com 61% das questões, quer sobre a vida pessoal, com 36%, num total de 168 perguntas das 11 entrevistas analisadas.

Gráfico 2

Categorias temáticas das entrevistas do "Repórter Júnior"



Nota. Elaborado pelas autoras (2024).

Os restantes resultados ainda indicam as perguntas relacionadas com pedidos ocasionados pelas entrevistas e depoimentos sobre se conhece ou não a *Visão Júnior*. Lourenço Costa, 9 anos, aproveitou o facto de estar com Luís de Matos para concretizar um desejo especial: "Dá-me sete autógrafos?"; e Joana Marecos, 10 anos, disse a Fernando Mendes: "Agora queria fazer-lhe uma pergunta que não está no meu papel. Posso assistir à gravação de um programa?".

Quantitativamente, a maior frequência centra-se no desempenho da profissão, com 17% das questões feitas pelas crianças abordando esse assunto. Essa subcategoria temática envolve diferentes perspetivas de uma atividade – rotinas diárias, preparação, aptidões e a remuneração, etc. –, como ilustram as perguntas:

“Como organiza o seu dia?” (Leonor Antunes, 10 anos, a Nuno Caravela).

“Como ganhas dinheiro?” (Sara Gonçalves, 10 anos, a Lucas).

Tem algum ritual para lhe dar sorte, antes de entrar no palco? (Matilde Gaspar, 10 anos, e Clara Santos, 9 anos, a Carlão).

A alguns entrevistados, os repórteres pediram conselhos vindouros (4%):

“Eu também gostava de ser jornalista e ter um blogue. Que conselhos me dá para ter sucesso?” (Matilde Sousa, 11 anos, a Clara de Sousa).

“Qual o conselho que dá a quem quer ser escritora, como eu?” (Leonor Antunes, 10 anos, a Nuno Caravela).

“Que conselho nos dão para nos tornarmos melhores leitores?” (alunos do Agrupamento de Escolas Sá de Miranda a Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada).

Todavia, os motivos para a escolha profissional não despertaram grande interesse, contabilizando apenas 3% das perguntas.

A seguir à *performance* profissional, destacam-se os sentimentos relacionados com vida profissional, com 9%, como se confirma nos exemplos:

“Na primeira vez que apresentou estava nervoso?” (Joana Marecos, 10 anos, a Fernando Mendes).

“Quais são as suas preocupações quando escreve um livro para os mais jovens?” (Inês Ramos, 13 anos, a Maria Inês Almeida).

“Como conseguem pensar em tantas coisas diferentes para cada livro?” (alunos do Colégio do Rosário a Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada).

Seguem-se os assuntos da vida familiar e pessoal, com 8%, tal como os gostos e interesses pessoais. Os repórteres perguntaram:

“Porque é que estiveste um ano fechado no teu quarto?” (Lourenço Rodrigues, 12 anos, a Lucas).

“Qual é a tua tatuagem preferida?” (Bernardo Silva, 12 anos, a Carolina Deslandes).

“Gostava de formar uma banda com as suas filhas?” (Matilde Gaspar, 10 anos, e Clara Santos, 9 anos, a Carlão).

É interessante perceber que, inserido na vida pessoal, os assuntos sobre a infância do entrevistado são recorrentes, como as vivências, a experiência escolar e os sonhos. Veja-se:

“Gostava de ir para a escola ou fingia que tinha dores de cabeça para não ir?” (Joana Marecos, 10 anos, a Fernando Mendes).

"Na escola, quais eram as suas disciplinas favoritas?" (Inês Ramos, 13 anos, a Maria Inês Almeida).

"Na sua infância, o que as outras crianças faziam e você não conseguia?" (Nara Sogocio, 9 anos, a Bárbara Tinoco).

No que diz respeito aos sonhos de criança, as perguntas apontam para as profissões de futuro:

"Quando tinha a minha idade já queria ser jornalista?" (Matilde Sousa, 11 anos, a Clara de Sousa).

"Que idade tinhas quando sentiste que era isto que querias fazer na vida?" (Maria Francisca Dias, 8 anos, a Carolina Deslandes).

"Com que idade começou a cantar" (Matilde Martins, 9 anos, Ema Martins, 11 anos, e Camila Saldanha, 11 anos, a Fernando Daniel).

Não houve nenhuma entrevista que tivesse abordado todas as temáticas das subcategorias de análise. Identifica-se, de imediato, que a entrevista da Carolina Deslandes foi a que incluiu mais temáticas. Por sua vez, o conhecimento sobre a existência da *Visão Júnior* foi a subcategoria com menos frequência nas entrevistas, tendo sido feita uma única vez, precisamente a essa cantora portuguesa.

Outro elemento que chamou a atenção nos resultados foi a criatividade de algumas perguntas, não padronizadas neste género de guião. Apontam-se:

"Porque não jogou no Totoloto quando fez a magia de acertar nos números?" (Lourenço Costa, 9 anos, a Luís de Matos).

"Se o tempo parasse, o que gostarias de estar a fazer nesse momento?" (Ana Manuel Pinheiro a Carolina Deslandes).

"Aqui entre nós: com tanta informação e conhecendo tantas pessoas, fazes parte de alguma organização secreta?" (Matilde Sousa, 11 anos, a Clara de Sousa).

"O que é que a música lhe ensinou?" (Matilde Martins, 9 anos, Ema Martins, 11 anos, e Camila Saldanha, 11 anos, a Fernando Daniel).

Ao observar o "Repórter Júnior" encontraram-se fotografias a ocupar uma significativa mancha das páginas. Contudo, no resultado total de 71 fotografias expressa-se a preferência pelo entrevistado, em vez da criança, que apenas surge em 33. Além disso, é perceptível que quase sempre a *Visão Júnior* assegura espaço de capa a esta secção, como foi dito por Paula Barroso. Num total de 11 edições, o "Repórter Júnior" surgiu em oito vezes – sete chamadas e um destaque principal –, distinguindo-se cinco figuras públicas das artes do espetáculo e, de seguida, duas da área dos *media* e uma da literatura infantil. Portanto, os resultados indicam que foi concedido espaço na capa da edição correspondente a todos os músicos e ilusionistas. Por fim, nas oito ocasiões em que o "Repórter Júnior" ocupou as capas, houve um uso predominante das fotografias dos entrevistados em relação às imagens das crianças, que apareceram apenas em metade.

Discussão

É possível afirmar que o “Repórter Júnior” proporciona acesso à participação infantil na produção de conteúdos jornalísticos, cumprindo, assim, o objetivo editorial da *Visão Júnior*. A entrevista assume uma função privilegiada como gênero jornalístico, pois possibilita ao repórter estabelecer uma relação mais direta nas questões que coloca, procurando-se “revelar o modo de ser, o pensamento e a vida de uma pessoa, geralmente de uma figura-pública” (Sousa, 2005, p. 237). Ao entrevistar predominantemente os seus ídolos, as crianças neste espaço dão voz aos seus interesses, gostos e expectativas, sendo-lhes permitido relançar os seus olhares sobre o mundo em que vivem, ainda que as suas conversas sofram um processo de edição. Reconhece-se assim que, apesar da preferência pelo *online*, visível nos estudos já citados de Ponte, & Batista (2019), Pereira et al. (2020) e Marôpo (2021), este encontro presencial é nitidamente desejado, o que confere valor à experiência de participação *offline*.

No entanto, tal processo não se faz sem contradições. Em primeiro ponto, é importante considerar de que crianças falamos ao pensar nos entrevistadores. E o que percebemos é um recorte claro. Em termos de gênero, por exemplo, destaca-se a participação feminina na produção do “Repórter Júnior”. As idades nas faixas dos 9 aos 12 anos estão mais representadas, período da vida em que a alfabetização está completa e as crianças falam sobre assuntos mais variados. Estas idades, assim como a questão do gênero, também refletem as que mais enviam missivas à revista (Doretto, 2015), e, no caso em particular, é importante lembrar que as sugestões de entrevistas são encaminhadas à redação por *email*. Quanto à concentração regional, verifica-se que os repórteres residem mais nos grandes centros. Esse fator poderá estar relacionado com a maior facilidade desse público para participar das entrevistas. Tal como aponta o estudo realizado no âmbito do projeto bYou (Pereira et al., 2024), a participação ou não das crianças está sempre condicionada por diversos motivos, entre os quais a região onde habitam.

Como consequência desse cenário, a revista acaba por apresentar modos de ver o mundo ligados a determinado gênero e idades e ainda às culturas urbanas, e, conseqüentemente, deixa de trazer outras formas de vida das infâncias. Caberia mais atenção ao equilíbrio nessas representações, ainda que a maior demanda venha desses grupos, por meio das mensagens eletrônicas.

Os resultados, em relação aos nomes escolhidos para serem entrevistados no “Repórter Júnior”, demonstram que as crianças se sentem fascinadas por celebridades. Mole (2007) escreve que “a cultura das celebridades não deseja ser compreendida”, mantendo certo distanciamento do público, para que a sua “aura”, ou o deslumbramento que proporcionam, seja mantida. Enfrentando em tal dinâmica, os leitores da *Visão Júnior* querem, além de as conhecer pessoalmente, questioná-las sobre como chegaram até aquele papel público, ao sucesso e como funciona a vida privada. A escolha da revista em privilegiar as fotos dos entrevistados na seção e nas capas reforça o vínculo do seu público com as celebridades. E isso ainda pode ser entendido como um modo de alavancar as vendas da publicação, pois entende-se que a criança pode desejar ter a revista que traz informação sobre os seus ídolos.

Neste ponto, os meios de comunicação desempenham um papel significativo na construção de identidades (Couldry, 2003; Couldry & Hepp, 2020). Morin (2002) ex-

plica que as celebridades despertam em nós sentimentos de projeção-identificação, ou seja, identificamo-nos com essas figuras, que parecem ter visões de mundo parecidas com as nossas, e, ao mesmo tempo, projetamo-nos nelas, de modo a buscar nelas o sucesso e o *status* que queremos ter. No caso analisado, chama a atenção o facto de as crianças, nas questões que colocam a essas figuras públicas, se interessarem particularmente pela vida profissional e pelos motivos da projeção desses sujeitos. Dardot e Laval (2016) mostram como os indivíduos no neoliberalismo são responsabilizados pela gestão que fazem de si mesmos, segundo as lógicas do mercado, sendo responsáveis pelos seus sucessos e fracassos. E isso atinge também a criança, que deve ser “empreendedora de seu saber” (Dardot & Laval, 2016, p. 336). Isto é, a racionalidade neoliberal defende a corrosão dos laços sociais e da intervenção do Estado na promoção do bem-estar social, em prol do desenvolvimento individual pautado pela liberdade económica que rege o mercado nesse sistema. Assim, nessa visão, a boa *performance* do indivíduo é fruto apenas das suas escolhas e do seu empenho, desconsiderando todos os possíveis obstáculos e as condições estruturais que os sujeitos enfrentam nesse percurso.

Nos dados trazidos pelas perguntas que fizeram aos entrevistados, nota-se que tal forma de constituição dos sujeitos chega igualmente às crianças, que se preocupam com as escolhas que os seus ídolos fizeram quando tinham a idade delas, como se preparam para as suas atividades e que conselhos lhes podem dar. Além disso, mostram-se curiosas em saber como a vida pessoal se relaciona com essa carreira bem-sucedida. Aqui, a participação infantil no jornalismo feito para elas faz-nos pensar nas pressões e nos constrangimentos enfrentados pelas infâncias na contemporaneidade: elas, bem como os adultos, estão submetidas aos imperativos da economia de mercado e, nas suas perguntas, refletem essa inquietação. Ou seja, a infância, para as próprias crianças, também é momento de fomento da *performance* profissional, de autogerir-se para conquistar sucesso e fama.

Considerações finais

Neste trabalho, tivemos o objetivo de compreender as visões de mundo que as entrevistas feitas por crianças, e publicadas na secção “Repórter Júnior”, da *Visão Júnior*, deixam transparecer. Trata-se de recorte temático ainda não estudado de forma aprofundada no cenário português, o que faz deste trabalho uma investigação original. Nos resultados, vê-se que a maioria dos repórteres são meninas, entre os nove e os 12 anos, e residentes em centros urbanos de Portugal. Isso indica, em primeiro lugar, que os dados recolhidos revelam as preocupações, os gostos e os desejos de um grupo bastante recortado de crianças e, em segundo, que há limitações à participação dos leitores.

Nesse canal, tendo como base as sugestões que de facto foram concretizadas em entrevistas, elas mostram interesse em celebridades, com especial foco na vida profissional. Isso revela as inquietações com o sucesso e a *performance* na carreira, refletindo o processo de construção da subjetividade neoliberal. Como indicado, são esses gostos e inquietudes que se denominam aqui como visões de mundo dessas crianças, e isso revela que elas, mesmo antes de entrar na vida laboral, já sentem as

pressões da organização sociocultural do neoliberalismo. O que nos leva a refletir sobre como as vivências das infâncias já são marcadas pelo individualismo e competitividade do cenário neoliberal, aspecto que consideramos um avanço deste estudo, pois ajuda a compreender melhor os modos de ser criança na contemporaneidade.

Feita essa observação, nota-se que os leitores-entrevistadores têm de utilizar um meio de participação digital pouco interativo, o *email*, para pedir as entrevistas. Vê-se ainda uma utilização discreta do *website* da revista para promover a participação infantil nesta secção. Parece-nos aqui essencial que os meios de comunicação destinados às crianças possam pensar em outros modos de buscar contacto com os seus leitores, de modo a dialogarem mais com as suas rotinas mediáticas, assim como já havíamos afirmado em estudo anterior (Doretto, 2015). Sabe-se que a idade mínima para a utilização de *media* social por crianças são os 13 anos, mas deve-se pensar na mediação dos pais, por exemplo. Porém, pode-se ler esse processo de outra forma: embora haja uma tendência digital para novas oportunidades de produção e de participação, o “Repórter Júnior” revela que o ambiente tradicional do jornalismo impresso continua a ser um espaço para iniciativas participativas, evidenciando-se, desta forma, como outra contribuição deste estudo, apontando para o campo produtivo do jornalismo para as crianças e a sua relação com os produtos em papel.

Apesar do potencial da secção, surgem debilidades, inerentes à estrutura editorial do “Repórter Júnior”. Primeiramente, é dada liberdade para as crianças fazerem as perguntas, mas estas são depois seleccionadas pela editora, o que é um fato limitador da participação. Pelo número de fotografias usadas nas entrevistas e nas capas, conclui-se que, ainda que esta secção seja destinada aos repórteres, é dado mais espaço aos entrevistados do que a eles. Tal prática deve-se à importância das figuras públicas, como referiu a editora, e ao impacto que a escolha da capa tem nas vendas. O atual procedimento editorial também restringe a participação das crianças ao permitir-lhes acesso à sua entrevista apenas aquando da distribuição da revista, limitando, assim, a sua interação e envolvimento contínuo. Este processo poderia beneficiar-se de uma maior participação infantil, por exemplo, na discussão sobre o título e a escolha das fotografias, proporcionando-lhes uma experiência mais integrada e colaborativa. Por fim, antes da publicação, seria desejável que os repórteres tivessem a oportunidade de visualizar o resultado em primeira mão, o que não só valoriza o seu contributo como potencia um maior sentido de pertença, reconhecimento e participação. Ao não considerá-los nas decisões, pode conduzi-los a posições de distanciamento e até gerar descrença no seu valor participativo (Craney, 2019). Logo, amplificar as vozes das crianças implica repensar o papel do adulto e a relação de poder. Compreende-se, a partir do contexto analisado da *Visão Júnior*, que estas dificuldades estejam relacionadas com o reduzido tamanho da equipa e a disponibilidade de tempo de produção. Contudo, recomenda-se a implementação de um processo editorial mais inclusivo, que envolva os repórteres em mais etapas, de modo a enriquecer a sua experiência e a maximizar o impacto educacional e participativo do projeto, tal como a revista propõe ao descrever a sua linha editorial.

Apesar das contribuições deste estudo, é importante reconhecer algumas das suas limitações, sendo a principal delas o fato de não termos entrevistado as crianças-repórteres, para entender melhor os seus critérios de escolha de nomes e questões, o que julgamos ser necessário explorar em estudos posteriores. Além disso, o período

analisado não consegue fazer deste um estudo longitudinal, o que permitiria salientar outros aspetos associados à participação dos leitores. Por fim, conclui-se que, apesar da relação entre a produção jornalística e as crianças cidadãs ativas, ainda não se aposta em Portugal no jornalismo infantojuvenil como um instrumento participativo e, embora haja pontos a aperfeiçoar, a *Visão Júnior* é um dos poucos veículos.

Financiamento

Este trabalho foi elaborado com financiamento da Fundação para a Ciência e Tecnologia, com referência 2022.10828.BD (Portugal) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Bolsista de Produtividade em Pesquisa – Nível 2 (Brasil).

Referências

- Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família* (2.ª ed.). Zahar.
- Bardin, L. (2016). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.
- Carmo, H., & Ferreira, M. M. (2012). *Metodologia da investigação – Guia para a auto-aprendizagem* (2.ª ed.). Universidade Aberta.
- Brites, M. J. (2015). O jornalismo e o quotidiano, a indústria e os jovens. Em S. Pereira, & M. Toscano (Eds.), *Livro de Atas do 3º Congresso* (pp. 312–324). CECS.
- Brites, M. J. (2019). Comunicação e intervenção, através do jornalismo. *Revista Aprender*, (39), 5–13. <https://doi.org/10.58041/aprender.62>
- Buckingham, D. (2000). *The Making of citizens: Young people, news and politics*. Routledge.
- Buckingham, D. (2007). Digital Media Literacies: Rethinking Media Education in the Age of the Internet. *Research in Comparative and International Education*, 2(1), 43–55. <https://doi.org/10.2304/rcie.2007.2.1.43>
- Buckingham, D. (2019). *The Media Education Manifesto*. Polity Press.
- Carter, C. (2007). Talking about My Generation: A Critical Examination of Children’s BBC News-round Web Sites Discussions About War, Conflict and Terrorism. In D. Lemish, & M. G.tz. (Ed.), *Children and Media in Times of War and Conflict* (pp.121–142). Hampton Press.
- Couldry, N. (2003). *Media Rituals: A critical approach*. Routledge.
- Couldry, N., & Hepp, A. (2020). *A construção mediada da realidade*. Unisinos.
- Coutinho, C. P. (2023). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: teoria e prática* (2.ª ed.). Almedina.
- Craney, A. (2019). Youth Leadership in Fiji and Solomon Islands: Creating Opportunities for Civic Engagement. In H. Lee (Ed.), *Pacific Youth - Local and Global Futures* (pp. 137-158). ANU Press. <https://doi.org/10.22459/PY.2019.06>
- Dardot, P., & Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Editora Boitempo.
- Dementshuk, M. E. (2016). *Caixas de ressonância: estudos dos suplementos jornalísticos para crianças na Paraíba* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Paraíba, Centro de Comunicação, Turismo e Artes]. <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9626>
- Doretto, J. (2015). «Fala connosco!»: o jornalismo infantil e a participação das crianças, em

- Portugal e no Brasil* [Tese de Doutorado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa]. <http://hdl.handle.net/10362/17002>
- Duarte, J. (2011). Entrevista em profundidade. Em J. Duarte, & A. Barros (Ed.), *Métodos e Técnicas de Pesquisa e Comunicação* (pp. 62–83). Atlas.
- Frau-Meigs, D. (2008). Media literacy and Human Rights: Education for Sustainable Societies. *Media Studies*, 14(1), 51–82. <http://www.mediaresearch.cro.net/en/volumes/article/media-literacy-and-human-rights-education-for-sustainable-societies,610.html?Autor=&KeyWord=&Sadrzaj=>
- Livingstone, S., Mascheroni, G., & Staksrud. (2018). European research on children's internet use: Assessing the past and anticipating the future. *New Media and Society*, 20(3), 1103–1122. <https://doi.org/10.1177/1461444816685930>
- Marôpo, L. & Jorge, A. (2009). Os direitos (de comunicação) de crianças e jovens na esfera pública europeia: o papel da sociedade civil numa sociedade em rede. *Media & Jornalismo*, 8(14), 51–65. <http://hdl.handle.net/10400.26/23245>
- Marôpo, L. (2021). *Relatório final: Competências de informação para jovens da era digital (CIJED)*. Instituto Politécnico de Setúbal.
- Mole, T. (2007). *Byron's Romantic Celebrity: Industrial Culture and the Hermeneutic of Intimacy*. Palgrave Macmillan.
- Morin, E. (2002). *Cultura de massas no século XX*. Forense Universitária.
- Oliveira, A. S. (2022). *Participação de crianças e adolescentes na produção de conteúdo do jornal Joca* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia]. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/37723>
- Orlandi, E. P. (1997). *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Editora da Unicamp.
- Pereira, S., Fillol, J., & Moura, P. (2020). Teens' online and offline lives: How they are experiencing their sociability. In L. Green, D. Holloway, K. Stevenson, T. Leaver, & L. Haddon (Eds.), *Routledge Companion to digital media and children* (pp. 152–160). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781351004107-14>
- Pereira, S., Brandão, D., & Pinto, M. (2021). bYou: A research proposal about and with children and youngsters as creative agents of change through the use of the media. In D. Raposo, N. Martins, & D. Brandão, (Eds.), *Advances in human dynamics for the development of contemporary societies* (Vol. 277, pp. 95–103). Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-030-80415-2_12
- Pereira, S., Brandão, D., & Toscano, M. (2024). "Participar é ter voz": Conceções e tipos de participação de crianças e jovens portugueses de 11-13 anos. Em F. H. Pereira, F. I. da S. Ferreira, & C. I. dos Anjos (Orgs.), *Anais do VII Seminário Luso-Brasileiro de Educação Infantil e III Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Infâncias e Educação* (pp. 1262–1273). Universidade Federal de Alagoas. <https://ud10.arapiraca.ufal.br/repositorio/publicacoes/5203>
- Ponte, C., & Batista, S. (2019). *EU Kids Online Portugal. Usos, competências, riscos e mediações da internet reportados por crianças e jovens (9-17 anos)*. EU Kids Online. NOVA FCSH.
- Sarmiento, M. (2003). Imaginário e culturas da infância. *Cadernos de Educação/Faculdade de educação*, (21), 51–69. <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/educacao/article/view/6119>
- Silva, C. F. S., & Gomes, L. O. (2023). Participação política e infância: Como as crianças brasileiras se posicionam e se fazem presentes em seus contextos sociais. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, 31(30). <https://doi.org/10.14507/epaa.31.7346>
- Sousa, J. P. (2005). *Elementos de jornalismo impresso*. Letras Contemporâneas.
- Vraga, E. K., Tully, M., MaksI, A., Craft, S., & Ashley, S. (2020). Theorizing News Literacy Behaviors. *Communication Theory*, 31(1), 1–21. <https://doi.org/10.1093/ct/qtaa005>

Conflicto de intereses | Conflict of interest

Os autores não têm conflitos de interesses a declarar.
The authors have no conflicts of interest to declare.

Notas biográficas | Biographical notes

Ana Cátia Ferreira. Doutoranda em Ciências da Comunicação da Universidade Fernando Pessoa e investigadora do ICNOVA, tem como linhas de investigação o jornalismo para crianças, história do jornalismo infantojuvenil em Portugal, literacia para as notícias e jornalismo especializado. Bolseira da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

ORCID iD: 0000-0002-7173-8155

Ciência ID: 0413-0A2E-84CC

Morada: Universidade Fernando Pessoa

Praça 9 de Abril, 349, 4249-004, Porto, Portugal

Juliana Doretto. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte e professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

ORCID iD: 0000-0003-3078-2165

Ciência ID: 4E18-F491-C29F

Scopus Author ID: 57210703015

Morada: PUC Campinas. Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516, Pq. Rural Fazenda Santa Cândida, Campinas – SP, CEP: 13087-571, Brasil

Como citar | How to cite [APA 7ª edition]

Ferreira, A.C., & Doretto, J. (2024). O que Perguntam as Crianças-Repórteres? Visões de Mundo e Participação no Jornalismo Infantojuvenil. *Media & Jornalismo*, 24(45), Article e4511. https://doi.org/10.14195/2183-5462_45_11

Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.

This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License